

## Obras de artistas da Colônia Juliano Moreira têm destino incerto

O cearense Raimundo Camilo teve trabalhos vendidos para galeria francesa, mas não recebeu

[André Miranda](#)



*Uma das obras do artista Raimundo Camilo, que estão na galeria Christian Berst, em Paris*  
*Divulgação*

RIO - Aberta em 2005, a galeria Christian Berst, em Paris, é dedicada a um tipo de obra que costuma ser designada como arte bruta. Trata-se de um trabalho feito por figuras à margem da criação artística oficial, sem treinamento formal ou inserção no mercado cultural. É o caso, por exemplo, do cearense Raimundo Camilo. Interno do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Mental Juliano Moreira por quase 50 anos por sofrer de equizofrenia, Camilo ganhou notoriedade por seus desenhos em papel, em que cria notas de dinheiro. Há alguns anos, a galeria Christian Berst se interessou pela obra de Camilo e comprou 15 de suas notas. São peças com um alto valor de mercado, que invariavelmente integram as exposições

organizadas pelo espaço parisiense. Camilo, porém, nunca teria recebido um centavo pela venda. A família diz que nem ela nem o artista sabiam que essas obras estavam no exterior.

Veja também



### [Um ensaio fotográfico com artistas da Colônia Juliano Moreira](#)

Camilo é apenas um das dezenas de artistas que já passaram pelo Juliano Moreira. O instituto tem um museu, chamado Museu Bispo do Rosário, numa homenagem a seu paciente mais famoso, o artista visual sergipano Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), cujo acervo é tombado e todo de responsabilidade do instituto. Lá, estão mais de 800 obras catalogadas do Bispo, além de outras centenas de peças de outros artistas, muitas ainda sem identificação e registros. Assim como ocorrera com o Bispo, Camilo produzia e guardava suas obras no Juliano Moreira. Além da galeria Christian Berst, há informações de pelo menos outras duas coleções, uma em Lille, na França, e outra no Rio, que adquiriram seus trabalhos sem conhecimento do artista.

Por telefone, o próprio Christian Berst confirmou ter 15 obras de Camilo em Paris, mas não quis dar detalhes sobre a compra.

— Eu descobri o trabalho de Raimundo num catálogo de uma exposição da Fundação Oscar Niemeyer com três artistas, há cerca de dez anos. Um era o Bispo do Rosário, outro era o Raimundo e havia mais um do qual não me recordo — diz Berst. — Mas eu nunca fui ao Brasil. Eu comprei as obras de coleções privadas de brasileiros e também de um colega que viajou ao Brasil e as trouxe para cá.

Na galeria de Berst, o preço de cada uma das notas de Camilo é de A 650. Na semana que vem, o empresário vai abrir nova exposição com trabalhos de nove artistas estrangeiros. Um deles é o brasileiro.

— A arte bruta tem tido cada vez mais interesse no mercado de arte. Museus importantes, como o MoMA de Nova York, têm obras de arte bruta em seus catálogos. O público que gosta desses trabalhos também tem aumentado ano a ano, e novas instituições estão sendo criadas — diz Berst. — O que ainda é difícil é comprar as obras. Não há muitas pessoas que as tenham com sobra em suas coleções privadas para vender. Não conheço ninguém que tenha algum Raimundo Camilo aqui em Paris. E nunca encontrei um Bispo do Rosário nos Estados Unidos ou na Europa. Se você conhecer alguém que tenha algum deles, pode dizer que eu estou interessado em comprar.

O caminho percorrido pela obra de Camilo para outras galerias é incerto. No Juliano Moreira, a justificativa dada por todos que trabalham com os artistas é que estes têm como costume dar

de presente alguns de seus trabalhos. Mas uma explicação diferente foi dada à irmã de Camilo, a dona de casa Francisca Bezerra, numa reunião com o diretor do instituto, Marcos José Martins, em janeiro.

— O diretor me falou que alguém tinha recebido dinheiro pelas obras do Raimundo. E eu até perguntei se essas pessoas não tinham nome, mas ele não disse. Ficou o dito pelo não dito — conta Francisca.

Apenas no ano passado, depois de décadas em que Camilo ficou sem contato com a família, a irmã do artista foi localizada. Ela se reencontrou com Camilo e o levou, em março deste ano, para morar no interior do Ceará.

— O Raimundo saiu da casa da mamãe há 54 anos e foi para o Rio. Depois, tivemos pouco contato. O último foi nos anos 60, quando escrevemos para o Rio, e nos responderam que ele estava mal da cabeça — afirma Francisca. — Hoje ele está bem com a gente, nós conversamos, e ele está desenhando aqui.

### **Museu sem diretor**

Antes da reunião com Francisca, o então diretor do Museu Bispo do Rosário, o psiquiatra Ricardo Aquino, foi afastado do cargo. O museu está desde então sem um diretor, passando por uma reformulação e em obras. O espaço ganhou um edital da Casa da Moeda, no valor de cerca de R\$ 110 mil, para duas exposições e projetos educativos, que devem ter início até o fim do ano. Aquino não foi encontrado para comentar o caso. Mas Marcos José Martins, diretor do instituto, explica que as mudanças propostas se deram exatamente por conta de denúncias sobre as obras de Camilo.

Ele, porém, não aponta responsáveis, e diz não saber como as obras foram parar em Paris.

— Quando a diretoria foi informada sobre essas coisas com a obra do Raimundo, eu mexi no museu. Hoje as decisões passam por mim. Acho que, de certa maneira, o museu deveria ter trabalhado para identificar essas possibilidades de venda das obras dos artistas. Mas não sei de envolvimento de funcionários — diz Martins. — O que acontece muito é que os pacientes dão as obras de presente, e essas obras podem circular sem termos conhecimento.

Essa explicação, de que as obras de Camilo podem ter parado em coleções particulares a partir de presentes do próprio artista, também é dada por Wilson Lazaro, curador do Museu Bispo do Rosário. O problema, porém, é que não é qualquer um que recebe uma obra na Taquara, em Jacarepaguá, e a leva para Paris. Mas Lazaro argumenta que houve uma venda oficial das obras de Camilo em 2005.

— É muito comum esses pacientes darem presentes. Se você está trabalhando com alguém, é comum você ganhar presentes. Os maiores colecionadores de arte bruta são médicos. Eu mesmo já ganhei obras do Raimundo e as tenho em minha casa, guardo devido ao afeto que tenho pelo Raimundo — diz Lazaro. — Em relação ao Christian Berst, eu o conheci certa vez. Em 2005, ele descobriu a obra do Raimundo, interessou-se e comprou algumas peças. E o dinheiro foi dado para o Raimundo, era usado para consumo dele. Nessa época não existia ninguém da família lá.

Questionado sobre como essa venda para Berst teria sido negociada, já que nenhum funcionário de uma instituição pública, nem mesmo a própria instituição, poderia intermediar o contrato da transação financeira, Lazaro é direto:

— Todo o dinheiro dessas vendas entra pela Associação (de Parentes e Amigos dos Pacientes do Complexo Juliano Moreira, a Apacojum) e é revertido aos artistas. Porém, a única venda oficial das obras de Camilo registrada na Apacojum, uma organização sem fins lucrativos fundada há 20 anos, ocorreu no ano passado. O comprador foi o Museum of Everything, de Londres, uma instituição que trabalha com arte bruta. Oito notas do artista integram hoje a coleção do museu inglês, e o pagamento foi realmente realizado por meio da associação.

Iracema Polidoro, presidente e fundadora da Apacojum, garante que essa foi a única ocasião em que a organização participou de qualquer transação com artistas do Juliano Moreira.

— Eu nem sabia que pessoas do instituto (o Juliano Moreira) intermediavam venda de obras dos artistas — diz Iracema. — Ano passado, a Flavia Corpas (*psicanalista e curadora de artes visuais, que foi quem encontrou a família de Camilo e hoje cuida de sua obra*) me procurou. Ele não tinha conta bancária, e era preciso arrumar uma forma de fazer a transação dentro da lei. Assim fizemos, com tudo documentado, e todo o dinheiro foi revertido para ele. Por meio da associação, eu afirmo com toda a certeza que nenhuma outra venda foi feita.

Flavia Corpas se recorda de como foi procurada pelo museu inglês:

— Eles sabiam que eu pesquisava arte bruta no Brasil e que fazia um trabalho com o Raimundo desde maio de 2011. Então eu falei com o instituto e pedi autorização para dar continuidade à venda. A transação financeira foi toda feita pela Apacojum, e o dinheiro, US\$ 1.600, foi entregue pela Iracema diretamente à irmã do artista. Nunca soube de outra venda oficial da obra dele — diz Flavia. — Eu acho que as iniciativas de arte do museu precisam ser repensadas, para que sejam feitas de maneira legal e profissional. Hoje, acontece muito de os artistas venderem suas obras por qualquer migalha, por não terem noção do valor de seu trabalho.

#### **400 moradores e consulta para ex-internos**

O Juliano Moreira tem atualmente cerca de 400 pacientes moradores, mas também recebe ex-internos para consultas. O Museu Bispo do Rosário fica no prédio da administração, onde também está instalado o Ateliê Gaia, um espaço de criação que abre às segundas, terças e quartas-feiras, onde os artistas dão oficinas e recebem equipamento para realizar suas obras.

Todo o trabalho no Gaia é acompanhado por terapeutas ocupacionais, que registram e tiram fotos de novas obras para controle. Artistas surgidos no Juliano Moreira, como Leonardo Lobão, Gilmar Ferreira, Arlindo, Patrícia e Luiz Carlos, frequentam regularmente o Gaia. Eles realizam, ainda, oficinas com crianças de escolas da região. Mas a joia artística do instituto é mesmo a obra de Bispo do Rosário, e ele também pode ser considerado o maior responsável por todo o valor que se dá à arte bruta no Brasil. Desde 1982, quando o crítico de arte Frederico Morais organizou a primeira exposição com obras do Bispo no Museu de Arte Moderna do Rio, o interesse por seu trabalho vem crescendo. Obras do Bispo já estiveram, inclusive, na Bienal de Veneza, a mais importante do mundo, e, no momento, estão entre as principais atrações da Bienal de Artes de São Paulo, aberta esta semana.

Todo o trabalho conhecido do Bispo é de propriedade do Juliano Moreira, um órgão vinculado à Secretaria Municipal de Saúde do Rio, por um tombamento logo após a morte do artista, em 1989. Apesar disso, o curador Wilson Lazaro concedeu, em julho, uma entrevista ao jornal “Valor Econômico”, em que teria dito existirem “umas três obras (do Bispo) com algumas pessoas” e que “gostaria de vê-las no museu”.

— O que eu falei é que pode ser que tenha obra do Bispo. Geralmente, jornalista distorce o que você fala. Eu disse que pode haver. Ele dava muitas coisa de presente para as pessoas que conviviam com ele. Mas eu não conheço — explica Lazaro. — O Museu Bispo do Rosário tem todo o cuidado com as obras do Bispo, do Raimundo e de todos os artistas.

Frederico Morais, por sua vez, diz desconhecer obras do Bispo fora do museu. Ele concorda que o assédio sobre os artistas do Juliano Moreira sempre foi alto, mas faz um alerta sobre a situação do acervo do instituto.

— Muita gente já me procurou interessada em comprar a obra do Bispo, mas a venda seria ilegal. Mesmo as obras que ele realizou fora do Juliano Moreira foram levadas para lá depois. Então, tudo que se sabe sobre a obra dele está lá no instituto — afirma Morais, que vai lançar até o fim do ano o livro “Arthur Bispo do Rosário: arte além da loucura”, pelas editoras Livre Galeria e Nau, sob organização de Flavia Corpas.

— O problema dessas muitas exposições que são feitas com o Bispo é que seu trabalho sofreu uma horizontalização, o que serve mais para os curadores do que para a própria obra do Bispo. É preciso parar para pensar melhor o que o Bispo fez, e também é preciso se pensar na fragilidade da obra dele. Não são peças que permitem essa quantidade grande de exposições. Tudo isso coloca em risco a obra dele, e também o instituto.

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/cultura/obras-de-artistas-da-colonia-juliano-moreira-tem-destino-incerto-6035667#ixzz27SwxPelt>

© 1996 - 2012. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.